

SERÁ UM DOCUMENTO

A LINHA DO TEMPO?

CHARLEY S. LUZ

participação de Anna Carla Almeida Mariz e
Bárbara Coelho Neves



CHARLEY S. LUZ

participação de Anna Carla Almeida Mariz
e Bárbara Coelho Neves

SERÁ UM DOCUMENTO

A LINHA DO TEMPO?



2021

Editoração e diagramação: Fabiana Andrade Pereira

Direitos de publicação – Brasil:

Feed Consultoria, 2021.

Endereço: Rua Bela Cintra, 67/57

Cerqueira César, São Paulo - SP, CEP: 01415-000

Telefone: +55 (11) 3477-3166

www.feedconsultoria.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Catalogação na fonte

Bibliotecária responsável: Fabiana Andrade Pereira – CRB 8/9283

L979s

Luz, Charlley dos Santos

Será um documento a linha do tempo?/ Charlley dos Santos Luz ;
participação de Anna Carla Almeida Mariz e Bárbara Coelho Neves.

- São Paulo : Feed Consultoria, 2021.

112 p. : il. ; 14,8 cm.

ISBN: 979-84-6249-475-8

1. Arquivística. 2. Gestão Documental. 3. Documento na Web.
4. Mídias Sociais. 5. Linha do tempo. 6. Preservação Digital. I. Mariz,
Anna Carla Almeida. II. Neves, Bárbara Coelho.

CDD 004

Dedico essa obra as mães que abandonaram seus filhos, aos amores não vívidos, as conquistas não realizadas e aos sonhos interrompidos. Essas histórias também fazem parte de nossas linhas de tempo.

P.S: aos meus gatos também!

SUMÁRIO

Prefácio por Anna Carla Almeida Mariz	6
Somos primitivos digitais	14
Mas, e hoje?	22
Escrita conversacional	26
Tsunami Informacional	32
E o seu documento?	35
Outras visões de documentos	44
Documento segundo Suzanne Briet	46
Documento de acordo com Foucault	51
Documento conforme (uma visão da) Ciência da Informação	54
Documento para a Arquivística	58
Diplomática Arquivística Contemporânea	62
NeoDocumento na Era da Web	66
Documento como objeto de fronteira	68
Documento para ação	70
Registros da linha do tempo são documentos?	73

Mídias sociais geram documentos para o futuro	79
Análises de linhas passadas	83
Linha do tempo é documento de um tempo	87
Nunca Acaba	92
Posfácio: Uma galeria sobre o documento, por Barbara Coelho Neves	97
Referências	103

PREFÁCIO

Desde que os recursos tecnológicos começaram a ser aplicados à criação e à gestão de informações fomos obrigados a repensar as teorias das áreas ligadas à informação, já que a partir de então, o uso é cada vez mais crescente e as possibilidades vêm sempre aumentando.

Charlley Luz nos apresenta a ideia, muito atual, das redes sociais como documento. Para isso se baseia em várias definições de documento ao longo do tempo. Apresenta um histórico de conceituações que vão se modificando com a evolução da civilização. Passeia também pelos conceitos de documento nas áreas do conhecimento que fazem fronteira entre si, que têm relações: Documentação, Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação, e autores reconhecidos nessas áreas, tais como Briet, Foucault, Buckland, Zacklad, Olsen, Ribeiro, Santos, entre outros.

Mostra-nos a evolução da tecnologia, todo o caminho percorrido, avanços e descobertas que vão se complementando e que sem eles não poderíamos ter o que temos hoje, como exemplos: os dígitos binários, as redes militares que evoluíram para a internet, o hiperlink, entre outros, e expõe como a ciência da informação se relaciona com esse caminho que nos traz até as possibilidades de comunicação que temos com as redes sociais.

Salienta que os instrumentos de comunicação do passado são registros históricos que apresentam o cotidiano e as relações das culturas antigas, o que já é consolidado na literatura, e aponta vários exemplos.

Todo esse material, cuidadosamente levantado e apresentado, assim como as relações estabelecidas entre eles, nos levam a uma série de reflexões.

É de suma importância que tenhamos consciência do significado de se preservar os registros das redes sociais. Em muitos casos é o

único testemunho atual da vida das pessoas, uma vez que substitui o que anteriormente era feito de várias maneiras: cartas, bilhetes, diários, álbuns fotográficos, avisos, protestos, reclamações, registros das mais variadas atividades de mais diversas formas.

Charles Dollar¹, em 1994 (data da tradução brasileira), escreve que “tudo aquilo que os indivíduos ou a sociedade deixam atrás de si como memória (isto é, artefatos, registros) é produto da tecnologia da informação disponível na época.” e afirma que a da época atual é a tecnologia da informação digitalizada. Trinta anos depois ainda temos como tecnologia da informação disponível a digitalizada, porém de forma muito mais complexa.

A timeline pode ser considerada um documento do tempo atual. É o que temos visto no dia a dia e que Charley demonstra com base na

¹ DOLLAR, C. Tecnologias da informação digitalizada e pesquisa acadêmica nas ciências sociais e humanas: O papel crucial da arquivologia. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.7, n.13, 1994, p. 67.

literatura e nas várias definições de documento. No entanto, as timelines das redes sociais apresentam muitos desafios que envolvem questões tecnológicas, tais como a dificuldade de preservar documentos feitos em programas diferentes, mas também de outras ordens, que impactam na preservação, tais como econômicas e políticas.

Sua configuração impede que exista uma opção simples, como apenas imprimir. Também não é simples fazer capturas de tela, por exemplo. As postagens podem ter vídeos ou outros tipos de imagens em movimento (gifs, memes), registros sonoros, entre outros. Se têm muitos comentários, eles também não vão aparecer simultaneamente em sua totalidade. Além disso, os comentários nas postagens também não são cronologicamente lineares. Alguém pode comentar hoje em uma postagem de cinco anos atrás, e automaticamente esta postagem volta a aparecer no feed de hoje. O conteúdo é altamente dinâmico.

Os motivos para preocupação vão além. A pesquisadora Anat Ben-David² afirma que o Facebook é impossível de se arquivar. Sua preocupação é menos com a forma como os dados estão sendo usados agora e mais sobre como preservar os dados para uso e acesso no futuro. Ela chama a atenção para o fato de ser inarquivável, referindo-se especificamente ao Facebook, não tanto pela questão tecnológica, mas pelo fato de seu conteúdo não ser público, é uma empresa privada que não dá autorização para tal.

Vários autores vêm comparando os antigos diários aos blogs ou às próprias redes sociais, chamando a atenção para a diferença que, nos tempos dos diários eles eram íntimos, não eram compartilhados nem divulgados amplamente, como é o caso das redes atualmente. Esses registros são

² BEN-DAVID, A. Counter-Archiving Facebook. *European Journal of Communication*, maio 2020. DOI:10.1177/0267323120922069. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0267323120922069>

representativos na memória individual, que por sua vez contribui na formação da memória coletiva.

Pierre Nora³ já sinalizava a democratização da materialização da memória, uma vez que atualmente qualquer pessoa “se crê autorizado a consignar suas lembranças e escrever suas memórias, devido a uma vontade geral de registro”. Afirma que produzir arquivo é o imperativo da época, em contrapartida com os tempos clássicos nos quais os três grandes produtores de arquivos reduziam-se às grandes famílias, à Igreja e ao Estado.

A maioria das atividades das pessoas atualmente está se concentrando nestas redes: atividades de lazer, profissionais, familiares, comerciais, turísticas, culinárias, compra e vendas variadas, animais domésticos, indicação de profissionais, entre vários outros exemplos. Se não houver ações no sentido de preservar as *timelines*

³ NORA, P. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Trad. Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo, PUC/SP, v. 10, dez., 1993. p.15-16.

das redes sociais, corremos o risco de não termos nenhum registro da época presente.

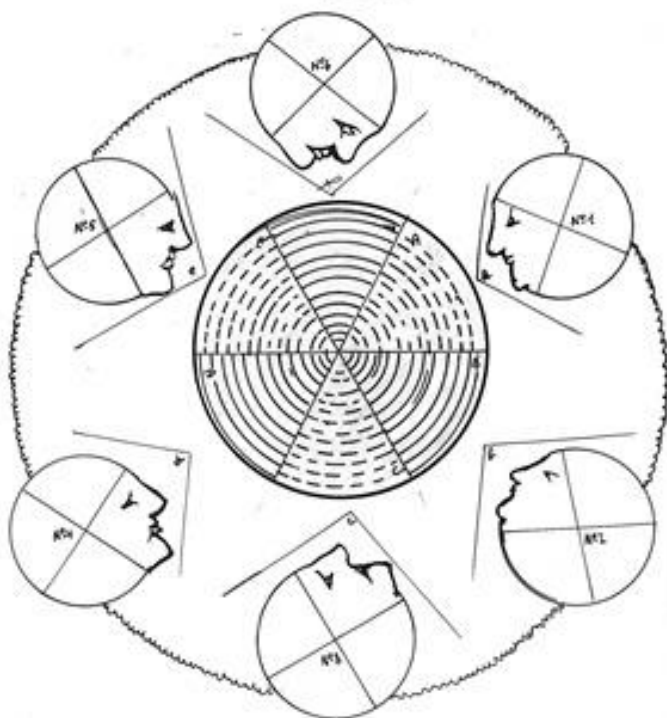
Deve-se levar em consideração que na maior parte das vezes as pessoas não estão gerando esses registros com a intenção de produzir memória, mas este material é o testemunho do que é gerado nesta época, é talvez o principal registro das várias atividades das pessoas no momento atual. Cabe destacar a sensibilidade e visão do autor para perceber e apontar a importância da preservação deste material e a necessária discussão sobre as questões que esta ação envolve.

Profa. Dra. Anna Carla Almeida Mariz

Professora Associada do Departamento de Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1991). Leciona na graduação em Arquivologia e no Programa de Pós-graduação em Gestão de Documentos e Arquivo, ambos na UNIRIO. Graduada em Arquivologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1988), com Especialização em Documentação e Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994), Mestrado em Memória Social e Documento pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1997) e Doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005).

INSPIRAÇÃO PARA ESTA JORNADA

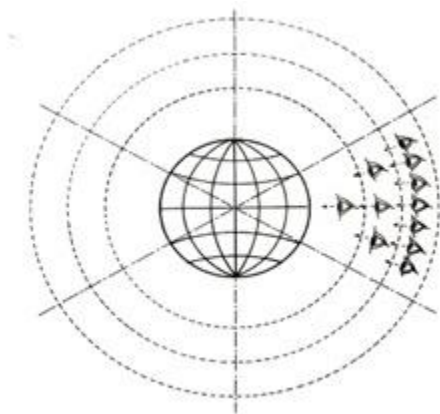
LA COOPERATION AU MUNDANEUM



CHACUN ENVISAGE SON SECTEUR, ET IL Y DOIT ÊTRE UN SECTEUR
Où il y ait une entente sur tout problème d'ordre
économique, social, culturel, etc.

Schéma montrant l'organisation de la coopération au Mundaneum.
Date 1 January 1940. Source Collections Mundaneum. Author Paul
Otlet (1868-1944).

SOMOS PRIMITIVOS DIGITAIS



Estamos na Era do primitivismo digital. A relação entre o tempo, as evidências e o documento são importantes na sociedade humana, pois todas as três são de grande impacto no modo como o mundo é percebido e experimentado.

Tudo que fazemos agora terá um impacto nos registros que serão acessados no futuro e, para garantirmos acesso a nossa informação acumulada hoje, precisamos assegurar técnicas de preservação

digital que poderão, daqui a alguns anos, ajudar nossos descendentes a nos lembrar.

As Humanidades Digitais oferecem novos desafios e possibilidades para as instituições de memória, tais como os arquivos, as bibliotecas e os museus, por meio de conceitos baseados em processos de arquivos "vivos", com abordagens para a conservação e preservação com base na multiplicação, ao invés de restringir o acesso aos registros do passado. Afinal, com base na realidade das Humanidades Digitais, o passado nunca foi realmente passado, pois ele sempre pertenceu ao presente (BURDICK *et al.*, 2012).



Detalhe de uma tablita no Louvre com escrita cuneiforme.

O que geramos de informação, hoje, nas redes sociais podem ser considerados uma forma de documento? Atualmente, muitos instrumentos comunicativos do passado são registros históricos, que mostram o cotidiano e as relações das culturas antigas.

As cordas de nós coloridas dos incas, chamados de Quipos segundo Christensen (2002); os hieróglifos, os sinais cuneiformes do oriente são exemplos de instrumentos de comunicação que hoje mostram como funcionavam as primeiras culturas.

Os diversos símbolos conservaram a informação rudimentar de acontecimentos, seja em pedra, pele, madeira, barro, metal, conchas, etc., até o aparecimento do papel - que evolui até a criação da prensa de tipos de Gutemberg.

A informação impressa passa a ser uma expressão da humanidade, suplantada apenas pela tecnologia. Com o advento das tecnologias da informação, desenvolvidas sobretudo para suportar os avanços da Segunda Guerra Mundial, as mídias impressas passam a ser representadas por dígitos binários codificados.

A própria internet foi criada para suportar a comunicação. Primeiro como ArpaNet, onde as universidades, as empresas de ponta e os *geeks* permaneciam conectados em permanente laboratório. Depois ampliado para a aplicação militar com a Milnet⁴.

⁴ A MILNET (Military Network), criada em 1983 foi uma rede que cuidava das informações militares dos Estados Unidos da América (EUA). Inicialmente era uma expansão da ARPANET, da qual foi fisicamente separada naquele ano.

The diagram illustrates a network of computer systems and their interconnections. Key components include:

- Nodes:** Represented by ovals containing labels such as PDP-10, PDP-11, PDP-30, PDP-33, PDP-35, PDP-36, PDP-37, PDP-38, PDP-39, PDP-40, PDP-41, PDP-42, PDP-43, PDP-44, PDP-45, PDP-46, PDP-47, PDP-48, PDP-49, PDP-50, PDP-51, PDP-52, PDP-53, PDP-54, PDP-55, PDP-56, PDP-57, PDP-58, PDP-59, PDP-60, PDP-61, PDP-62, PDP-63, PDP-64, PDP-65, PDP-66, PDP-67, PDP-68, PDP-69, PDP-70, PDP-71, PDP-72, PDP-73, PDP-74, PDP-75, PDP-76, PDP-77, PDP-78, PDP-79, PDP-80, PDP-81, PDP-82, PDP-83, PDP-84, PDP-85, PDP-86, PDP-87, PDP-88, PDP-89, PDP-90, PDP-91, PDP-92, PDP-93, PDP-94, PDP-95, PDP-96, PDP-97, PDP-98, PDP-99, PDP-100, PDP-101, PDP-102, PDP-103, PDP-104, PDP-105, PDP-106, PDP-107, PDP-108, PDP-109, PDP-110, PDP-111, PDP-112, PDP-113, PDP-114, PDP-115, PDP-116, PDP-117, PDP-118, PDP-119, PDP-120, PDP-121, PDP-122, PDP-123, PDP-124, PDP-125, PDP-126, PDP-127, PDP-128, PDP-129, PDP-130, PDP-131, PDP-132, PDP-133, PDP-134, PDP-135, PDP-136, PDP-137, PDP-138, PDP-139, PDP-140, PDP-141, PDP-142, PDP-143, PDP-144, PDP-145, PDP-146, PDP-147, PDP-148, PDP-149, PDP-150, PDP-151, PDP-152, PDP-153, PDP-154, PDP-155, PDP-156, PDP-157, PDP-158, PDP-159, PDP-160, PDP-161, PDP-162, PDP-163, PDP-164, PDP-165, PDP-166, PDP-167, PDP-168, PDP-169, PDP-170, PDP-171, PDP-172, PDP-173, PDP-174, PDP-175, PDP-176, PDP-177, PDP-178, PDP-179, PDP-180, PDP-181, PDP-182, PDP-183, PDP-184, PDP-185, PDP-186, PDP-187, PDP-188, PDP-189, PDP-190, PDP-191, PDP-192, PDP-193, PDP-194, PDP-195, PDP-196, PDP-197, PDP-198, PDP-199, PDP-200, PDP-201, PDP-202, PDP-203, PDP-204, PDP-205, PDP-206, PDP-207, PDP-208, PDP-209, PDP-210, PDP-211, PDP-212, PDP-213, PDP-214, PDP-215, PDP-216, PDP-217, PDP-218, PDP-219, PDP-220, PDP-221, PDP-222, PDP-223, PDP-224, PDP-225, PDP-226, PDP-227, PDP-228, PDP-229, PDP-230, PDP-231, PDP-232, PDP-233, PDP-234, PDP-235, PDP-236, PDP-237, PDP-238, PDP-239, PDP-240, PDP-241, PDP-242, PDP-243, PDP-244, PDP-245, PDP-246, PDP-247, PDP-248, PDP-249, PDP-250, PDP-251, PDP-252, PDP-253, PDP-254, PDP-255, PDP-256, PDP-257, PDP-258, PDP-259, PDP-260, PDP-261, PDP-262, PDP-263, PDP-264, PDP-265, PDP-266, PDP-267, PDP-268, PDP-269, PDP-270, PDP-271, PDP-272, PDP-273, PDP-274, PDP-275, PDP-276, PDP-277, PDP-278, PDP-279, PDP-280, PDP-281, PDP-282, PDP-283, PDP-284, PDP-285, PDP-286, PDP-287, PDP-288, PDP-289, PDP-290, PDP-291, PDP-292, PDP-293, PDP-294, PDP-295, PDP-296, PDP-297, PDP-298, PDP-299, PDP-300, PDP-301, PDP-302, PDP-303, PDP-304, PDP-305, PDP-306, PDP-307, PDP-308, PDP-309, PDP-310, PDP-311, PDP-312, PDP-313, PDP-314, PDP-315, PDP-316, PDP-317, PDP-318, PDP-319, PDP-320, PDP-321, PDP-322, PDP-323, PDP-324, PDP-325, PDP-326, PDP-327, PDP-328, PDP-329, PDP-330, PDP-331, PDP-332, PDP-333, PDP-334, PDP-335, PDP-336, PDP-337, PDP-338, PDP-339, PDP-340, PDP-341, PDP-342, PDP-343, PDP-344, PDP-345, PDP-346, PDP-347, PDP-348, PDP-349, PDP-350, PDP-351, PDP-352, PDP-353, PDP-354, PDP-355, PDP-356, PDP-357, PDP-358, PDP-359, PDP-360, PDP-361, PDP-362, PDP-363, PDP-364, PDP-365, PDP-366, PDP-367, PDP-368, PDP-369, PDP-370, PDP-371, PDP-372, PDP-373, PDP-374, PDP-375, PDP-376, PDP-377, PDP-378, PDP-379, PDP-380, PDP-381, PDP-382, PDP-383, PDP-384, PDP-385, PDP-386, PDP-387, PDP-388, PDP-389, PDP-390, PDP-391, PDP-392, PDP-393, PDP-394, PDP-395, PDP-396, PDP-397, PDP-398, PDP-399, PDP-400, PDP-401, PDP-402, PDP-403, PDP-404, PDP-405, PDP-406, PDP-407, PDP-408, PDP-409, PDP-410, PDP-411, PDP-412, PDP-413, PDP-414, PDP-415, PDP-416, PDP-417, PDP-418, PDP-419, PDP-420, PDP-421, PDP-422, PDP-423, PDP-424, PDP-425, PDP-426, PDP-427, PDP-428, PDP-429, PDP-430, PDP-431, PDP-432, PDP-433, PDP-434, PDP-435, PDP-436, PDP-437, PDP-438, PDP-439, PDP-440, PDP-441, PDP-442, PDP-443, PDP-444, PDP-445, PDP-446, PDP-447, PDP-448, PDP-449, PDP-450, PDP-451, PDP-452, PDP-453, PDP-454, PDP-455, PDP-456, PDP-457, PDP-458, PDP-459, PDP-460, PDP-461, PDP-462, PDP-463, PDP-464, PDP-465, PDP-466, PDP-467, PDP-468, PDP-469, PDP-470, PDP-471, PDP-472, PDP-473, PDP-474, PDP-475, PDP-476, PDP-477, PDP-478, PDP-479, PDP-480, PDP-481, PDP-482, PDP-483, PDP-484, PDP-485, PDP-486, PDP-487, PDP-488, PDP-489, PDP-490, PDP-491, PDP-492, PDP-493, PDP-494, PDP-495, PDP-496, PDP-497, PDP-498, PDP-499, PDP-500, PDP-501, PDP-502, PDP-503, PDP-504, PDP-505, PDP-506, PDP-507, PDP-508, PDP-509, PDP-510, PDP-511, PDP-512, PDP-513, PDP-514, PDP-515, PDP-516, PDP-517, PDP-518, PDP-519, PDP-520, PDP-521, PDP-522, PDP-523, PDP-524, PDP-525, PDP-526, PDP-527, PDP-528, PDP-529, PDP-530, PDP-531, PDP-532, PDP-533, PDP-534, PDP-535, PDP-536, PDP-537, PDP-538, PDP-539, PDP-540, PDP-541, PDP-542, PDP-543, PDP-544, PDP-545, PDP-546, PDP-547, PDP-548, PDP-549, PDP-550, PDP-551, PDP-552, PDP-553, PDP-554, PDP-555, PDP-556, PDP-557, PDP-558, PDP-559, PDP-560, PDP-561, PDP-562, PDP-563, PDP-564, PDP-565, PDP-566, PDP-567, PDP-568, PDP-569, PDP-570, PDP-571, PDP-572, PDP-573, PDP-574, PDP-575, PDP-576, PDP-577, PDP-578, PDP-579, PDP-580, PDP-581, PDP-582, PDP-583, PDP-584, PDP-585, PDP-586, PDP-587, PDP-588, PDP-589, PDP-590, PDP-591, PDP-592, PDP-593, PDP-594, PDP-595, PDP-596, PDP-597, PDP-598, PDP-599, PDP-600, PDP-601, PDP-602, PDP-603, PDP-604, PDP-605, PDP-606, PDP-607, PDP-608, PDP-609, PDP-610, PDP-611, PDP-6

A ArpaNet.

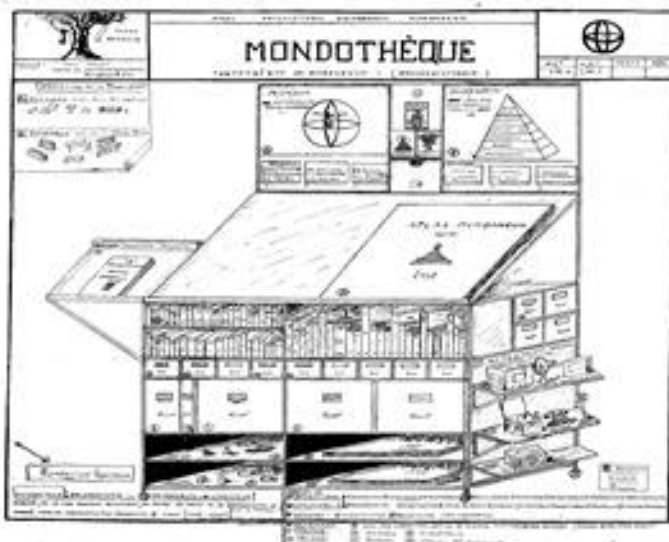
À parte a estrutura de cálculo (cartão perfurado) e a rede que se desenhava e avançava organicamente, o que de fato destaco a ser considerado como disrupção a criação do [hiperlink](#) adaptado por Berns-Lee em princípios dos anos 1990.

Era possível não mais fazer apenas comunicação por meio daquela rede, mas agora os conteúdos também eram ligados por meio de zonas de salto, onde ao clicar poderia aprofundar aquele assunto ou conteúdo com informações semelhantes.

Isso possibilitou a criação da navegação hipermídia, entre diferentes conteúdos e documentos digitais, ambientes e plataformas.

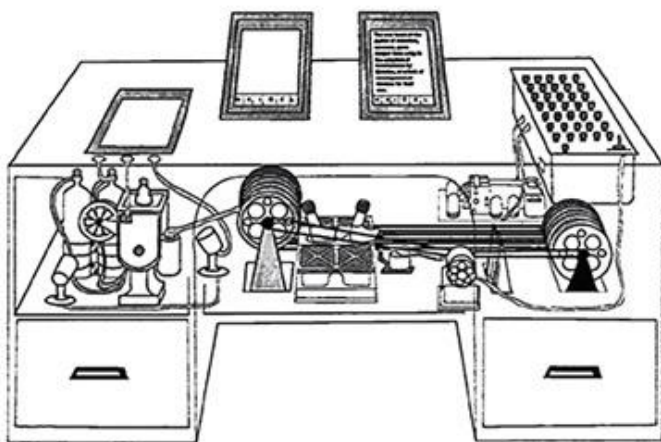
O hiperlink, tão desejado a partir das ideias de Otlet, que criou a Classificação Decimal Universal, um dos exemplos mais proeminentes de documentação facetada, porém também pensou no Mundaneum, um centro mundial de conhecimento.

Além disso, Otlet elaborou a Mondothenèque, que é o agrupamento em um único móvel de todas as formas de conteúdo (documentação no conceito dele) e dispostas para conservação, apresentação e uso.



A Mondothèque de Otlet.

Porém o hiperlink só foi viabilizado conceitualmente, com a tecnologia da época, por Vannevar Bush. A forma era a Memex, a máquina que possibilitaria a experiência dos hiperlinks semânticos, seguindo funcionamento da mente humana e operando por meio de associações, Bush imaginou e descreveu de maneira detalhada uma máquina capaz de estocar montanhas de informação, para posterior e rápida recuperação.



A Memex.

A ideia toda foi escrita por Bush em forma de artigo num jornal de grande circulação, com o título *As We May Think*. O artigo é disponível hoje ainda no site do jornal *The Atlantic*⁵.

⁵Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/303881/>

MAS, E HOJE?

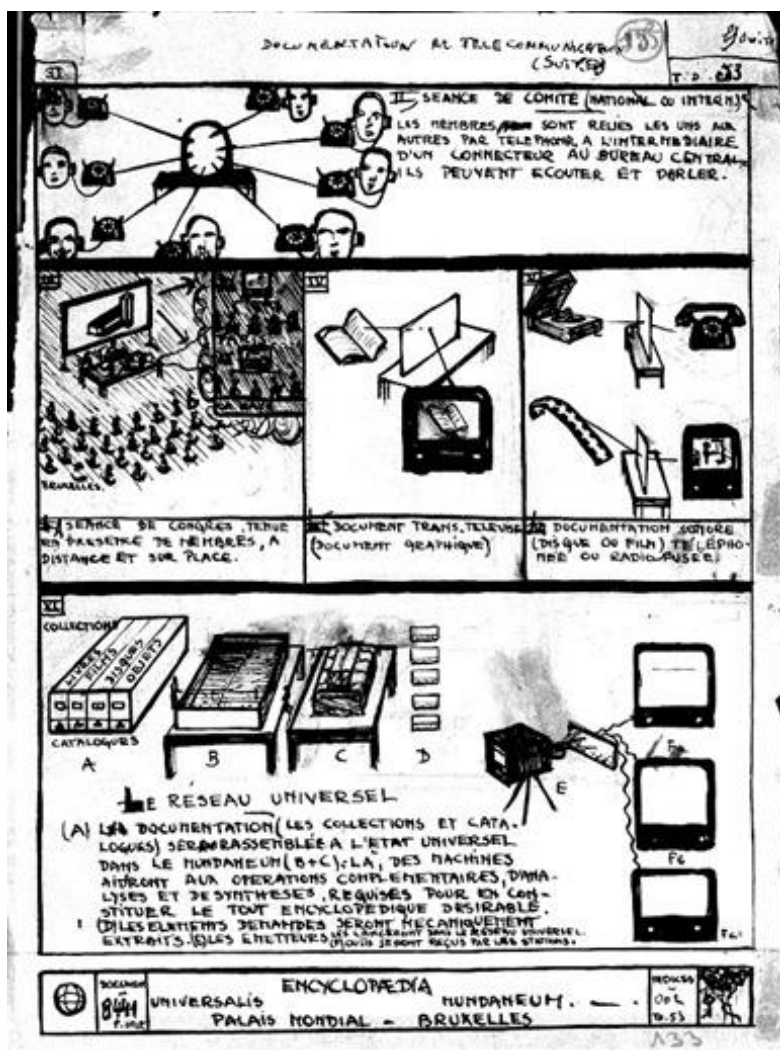
Neste contexto, cabe aos profissionais da informação, herdeiros dessa tradição de seleção e guarda de documentos e registros do passado, entender o contexto de geração informacional atual, evitando que haja perda desse período histórico. Para isso, não podemos ficar sozinhos e a preservação da web, de sistemas e conteúdos digitais deve ser um desafio a ser encarado.

Vivemos num período de disrupturas, onde a tecnologia evolui de forma cíclica, o que pode representar perda de informação atual num futuro próximo. A Lei de Moore, conhecida na indústria de processadores de silício e que foi cunhada em 1970, afirma que a velocidade ou capacidade de processamento de computadores dobra a cada dois anos. Isto significa que, nesta dinâmica de mercado, novas tecnologias serão novos desafios para a preservação.

De um lado a preservação digital, que hoje deve ser empregada por serviços de informação para a criação de pacotes informacionais acessíveis no futuro, mas de outro não há garantias que gerações primitivas de informação digital, principalmente àquelas registradas em fitas magnéticas e cartões perfurados, sejam acessíveis tão somente por meio de museus tecnológicos.

A profusão de formas de registros contribui para novas formas documentais, sendo necessário identificar gêneros, tipos e formas que traduzem as novas formas de narrativas por meio de mídias sociais.

A problemática se amplia quando falamos desses ambientes de redes sociais que estão disponíveis para uso comum a usuários da *web*, mas não possuem garantias de que sejam preservadas para o futuro, ou sequer sejam acessíveis em longo prazo.



Mundaneum: Otlet abordava a multiplicidade de formatos (som, imagem, texto).

Há o fato das grandes companhias que descontinuam redes sociais como foi o Google com o Orkut, o Google Plus, como também das empresas modestas que disponibilizaram serviços estilo 2.0 (ambientes colaborativos) que podem simplesmente deixarem de existir e abandonar a memória de seus clientes - como foi o caso do serviço Fotolog⁶.

⁶O fotolog foi um site de fotografias no qual seus usuários possuíam a ferramenta de carregar todas suas fotografias armazenadas e compartilhar com os amigos.

ESCRITA CONVERSACIONAL

No texto “Recuperação de documentos de gênero cruzado: correspondência entre escritos conversacionais e formais” de 2017, Jurczyk e Choi, na revista especializada ArXiv, mostram o desafio da tarefa de recuperação de documentos, em que as consultas formais são feitas em documentos escritos por meio de conversação. Esse fenômeno será cada vez mais frequente aos arquivistas e profissionais que estruturam folksonomias e redes sociais.

Eles usam como exemplo uma tarefa, uma consulta de uma frase extraída de um resumo de enredo de um episódio de um programa de televisão, e o documento de destino consiste em transcrições do episódio correspondente. E a problemática de ensinar uma máquina sintática a entender a semântica.

A linguagem conversacional é uma nova forma de registrar informações humanas. Elas registram também ações e decisões. Como diz Ilari (1992), há basicamente dois tipos de enunciados (dizer o que acontece ou dizer e fazer algo) e que podemos ver na web. Os atos constataivos narram ações, os atos performativos devem estar inseridos numa situação. Verbo na 1ª pessoa quase sempre produz ato performativo.

Desde o início da comunicação humana mediada por computador, com os modos síncrono e supersíncrono de bate-papo no computador (serviços de BBS, ICQ⁷, etc) , com suas propriedades simultaneamente orais e escritas, já intrigaram linguistas e leigos. Enquanto uns analisam cuidadosamente as características orais e escritas do discurso, procurando a sistemática de padrões léxico-gramaticais, os próprios usuários de redes sociais concebem sua comunicação como

⁷ ICQ é um programa de comunicação instantânea pioneiro na Internet que pertence à companhia Mail.ru Group. É um dos primeiros programas de mensagem instantânea da internet, criado em 1996.

"conversa". Que ocorre num maior escrito. É a escrita conversacional.

A Escrita Conversacional pode parecer como um diálogo, mas é diferente de falar (BAKER *et. al.*, 2014). Em primeiro lugar, quando alguém conversa cara a cara, quem fala pode ver a reação do ouvinte (por exemplo, acenando com a cabeça ou sorrindo). Com a escrita, o *feedback* não é imediato, portanto, é necessário impor mais estrutura à escrita e garantir que cada frase comunique sua mensagem com clareza. Mesmo assim, é somente por meio da escrita que a conversa se torna possível.

Na Escrita Conversacional os interlocutores dependem da codificação e decodificação de sílabas reunidas, assim como os escritores e leitores de conteúdo escrito (livros, jornais, revistas, sites, blogs, etc.). Mas ao escrever, não se pode usar expressões faciais e gestos com as mãos para adicionar significado e emoção. Portanto, as palavras precisam funcionar muito mais. Escrever é eliminar palavras redundantes de forma mais

concisa. Além disso, na escrita, usa-se palavras mais fortes para compensar a falta de linguagem corporal (GALVEZ, 2019).

A Escrita Conversacional não é uma criação do computador ou da tecnologia. Lembra durante as aulas você e seus colegas compartilhavam um papelzinho entre si, realizando uma conversa silenciosa por escrito? Outros exemplos são os Diálogos de Platão, escritos provavelmente entre 387 a.C. e 368 a.C. e que optou por esta forma escrita de diálogos para passar seu conteúdo como se fosse uma conversa, abusar da dialética.

Em nossa literatura os diálogos em peças teatrais e nos romances expressam a parte da escrita conversacional que acompanha a cultura humana. Hoje a sala de aula continua, mas certamente as novas gerações conversam com os colegas em algum aplicativo de rede social.



Diálogo com Clitofon, trecho da República de Platão.

As redes sociais, no entanto, tornaram a escrita de conversação (o produto textual) acessível para estudo em grande escala, ou melhor, a Internet e o software de registro o fizeram. Grandes estudos se baseiam em comportamento on-line. Vale lembrar os estudos de Baumann sobre a linguagem no

Twitter. Textos de escrita conversacional são textos conversados produzidos para interação social em comunicação mediada por computador.

TSUNAMI INFORMACIONAL

Nessa era de hiperinformação temos uma grande exposição diária à conteúdos que chegam por meio de interfaces de navegação e busca que dispensam a mediação humana.

Sabe-se que esta exposição exige determinadas competências, afinal como filtrar a informação que chega? Como escolher a informação numa enxurrada diária de notícias, imagens, textos, multimídia e som? As fontes passam a fazer sentido para o usuário, que passa a confiar em determinadas origens para consumo de informação.

Neste sentido a informação institucionalizada, aquela que é objeto de trabalho dos profissionais da informação, arquivos, museus e bibliotecas e um dos focos de estudo da Ciência da Informação, ganha

mérito e se coloca como candidato a ser fornecedor de conteúdo informacional de fonte confiável e que transfira credibilidade. Este objeto de informação comum é identificado em vários campos científicos e disciplinares como **documento**.

No entanto, a informação criada a partir da escrita conversacional, nas redes sociais, ficam de fora deste conceito de informação institucionalizada, adotado como axioma da área da Ciência da Informação. Podemos considerar nossas conversas de redes sociais, nossas linhas do tempo, um documento?



O Atlas Mundaneum como uma 'multimídia' móvel formato que inclui fala, brinquedos, imagens, livros, cinema, áudio, rádio e até excursões.

E O SEU DOCUMENTO?

Vamos perder de registrar os primórdios da Escrita Conversacional para nosso futuro? O BBS e o ICQ já não existem mais. Linhas de tempo são fechadas, seja pela desistência de participar do usuário ou até pelo falecimento do usuário. Já existem cálculos de quando o Facebook terá mais perfis de "memoriais" do que de pessoas ativas. Teremos de documentar as redes sociais ou elas já devem ser consideradas um documento? O convite agora é conhecermos alguns conceitos de documento, para ajudar a responder esta questão, mas antes, vamos falar da arqueologia do conceito de documentos.

O trabalho de Lund (2009) chamado de "Arqueologia Conceitual de Documentos". Num capítulo da publicação *"Annual Review of Information Science and Technology"*, o autor aborda a Teoria do Documento e apresenta a tal

arqueologia, percorrendo a utilização da palavra “documento” através da história, e percebeu que o conceito de documento tem sido entendido de muitas maneiras diferentes.

A palavra documento e seu antecessor na Antiguidade, em latim *documentum*, por exemplo, não era apenas uma prova escrita, mas era relacionada principalmente aos processos educativos como o ensino e a instrução. No Período Medieval, a palavra *documentum* significava exemplo, modelo, palestra, ensino ou demonstração. Até o Século XVII a palavra significava, principalmente, “aquilo que serve para instruir, educar” (LUND, 2009).

Ainda, segundo o autor, após o surgimento dos Estados Nacionais, do início da modernidade europeia e do Iluminismo em diante, um documento é, antes de tudo, um objeto escrito que afirma e ainda prova transações, acordos e decisões tomadas por cidadãos e pelo Estado. Isso demonstra que os documentos passaram a desempenhar um

importante papel na criação de uma burocracia pública.

Independente dos costumes locais, com base em leis escritas que poderiam ser contrárias às leis de costume, os documentos se tornaram uma questão de prova e veracidade, constante em declarações. Por isso, a autenticidade garantida pelos arquivistas de documentos se tornaram cruciais.

Além do papel de prova os documentos possuem, também, o papel de fornecer informação, analogicamente ao conceito de instrumento de educação do início da história humana. Assim, com o passar do tempo chegamos ao início do século XX, onde um documento é um pedaço de escrita que diz alguma coisa (LUND, 2009).

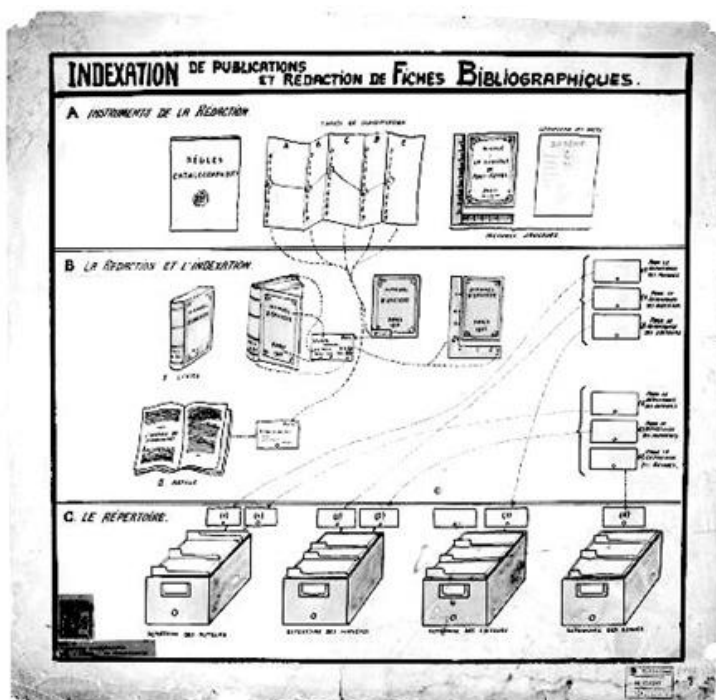
Conforme afirma Lund (2009), foi Otlet que desenvolveu um conceito mais amplo de documento, com um viés em direção aos textos impressos e livros, abordando a bibliografia e a documentação. Ele desenvolveu uma teoria do

documento para bibliotecas, que foi um conjunto de reflexões sistemáticas e especulações sobre a organização e preservação do conhecimento humano.

O autor ainda afirma que Otlet diz que tanto o conhecimento oral como o conhecimento impresso podem durar por um tempo limitado e sem a ajuda da memória gráfica (capaz de capturar e prendê-los) há risco de se perder, pois a memória humana é insuficiente para a guarda definitiva. Apesar de reconhecer o valor da comunicação oral, Otlet acredita que é a documentação gráfica que garante a preservação da memória humana.

A ideia do "Livro Universal" (*O Mundaneum*) era uma solução que Otlet apontou frente às possibilidades técnicas de novas mídias. O livro deveria ser criado de acordo com o chamado "princípio monográfico". Isso envolveu um processo de isolamento de cada "fato" em um documento e, em seguida, isso era cortado e colado em cartões individuais. Estes cartões eram organizados criando

um universo coerente a partir do caos de documentos.

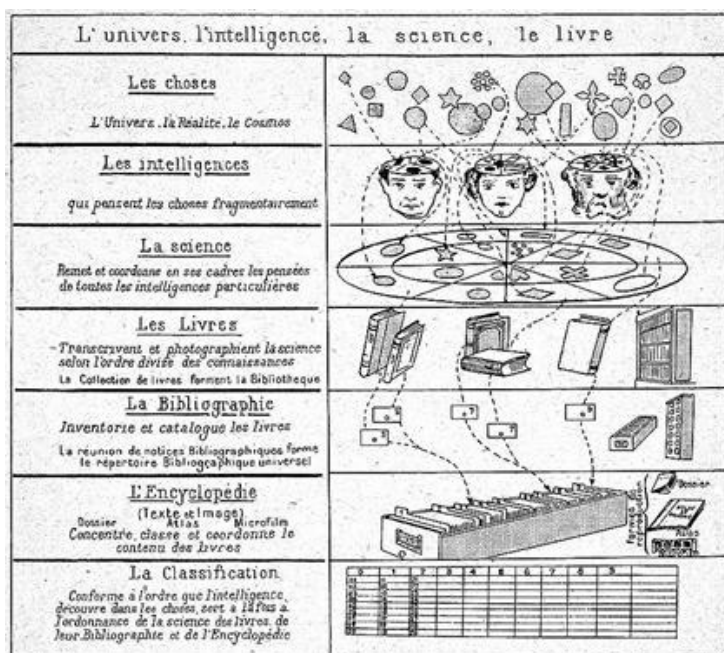


Modelo de Indexação com princípio monográfico.

Conforme destaca Lund (2009), embora este método de "codificação" pudesse ser fatal em um ambiente de impressão gráfica tradicional, destruindo o documento original para sempre, pode-se dizer que Otlet antecipou os princípios de

sistemas digitais de hipertexto e hipermídia, além de bases de dados que vieram décadas mais tarde.

Princípio monográfico não lembra uma hashtag? Com esse histórico vimos que a documentação (que foi a base da ciência da informação) se preocupou, desde o princípio, com a diversidade de materiais e com os problemas relacionados ao processo de documentação e os metadados, que são resultantes do trabalho com os documentos.



O processo documentário de Otlet.

O resultado do trabalho de Lund indica três níveis na arqueologia do documento:

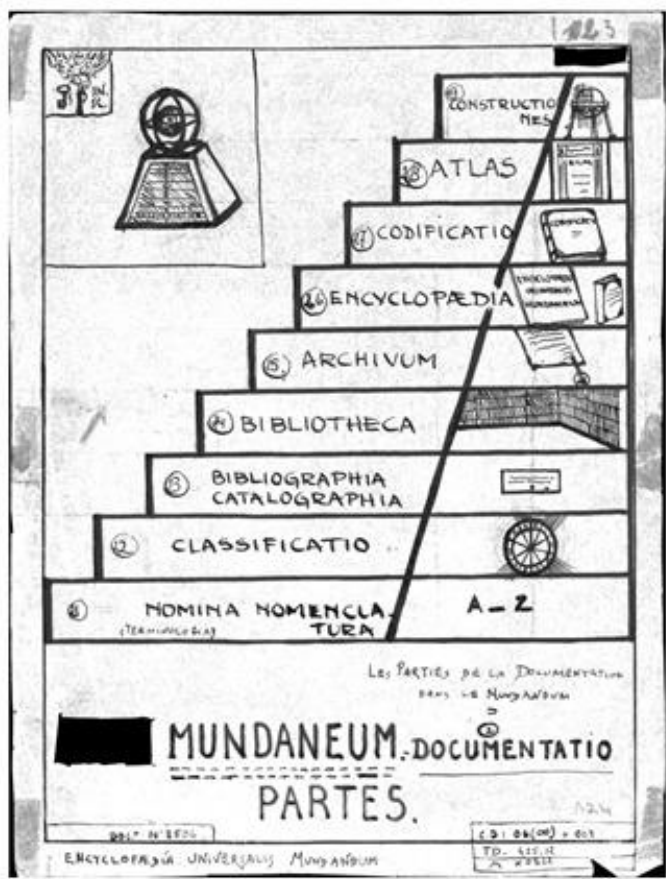
- o nível geral (em relação a sistemas),
- o nível específico (o documento em si), e
- o nível de conteúdo (a informação).



Essa página da Enciclopedia elaborada por Otlet pode ser parecida com os resultados de uma página do Google ao buscar por imagens de lamparinas.

Os processos documentais são coletivos e necessitam de diferentes meios e tecnologias para existir. A teoria documental está relacionada com questões práticas, tais como o direito autoral e a

privacidade, a acessibilidade, a identificação de elementos intrínsecos ao documento (possível por meio da diplomática), a preservação para o futuro, a difusão, além do papel da conexão do documento com a documentação e seus processos.



Sistema piramidal do projeto documentário de Otlet.

OUTRAS VISÕES DE DOCUMENTOS

Para identificarmos a *timeline* (linha do tempo) de mídias sociais como documento, como possível fonte primária de pesquisa no futuro, vamos investigar diferentes conceitos de documento. Para isso, revisei autores da área de Documentação, Arquivologia e Biblioteconomia, amparado sobretudo no estudo de Lund (2009), abordado antes neste livro, contudo incorporando outras visões que abordam o documento com diferentes usos.

Precisamos documentar as redes sociais ou seu substrato (a escrita de conversas e as linhas de tempo) serão documentos? Entender se o serviço de rede social, o registro orgânico e intencional de pessoas nestas redes pode ser considerado como possível documento. Essa discussão é sobre a importância de sua preservação e da representação

de diálogos comunicacionais e informações da humanidade de hoje, para ser acessado no futuro.

DOCUMENTO SEGUNDO SUZANNE BRIET



Nascida em Paris em 1894, Suzanne Briet atuou nacional e internacionalmente no desenvolvimento do que então era conhecido como Documentação, mas agora Ciência da Informação. Em 1951, quando uma escola de ciência da informação foi finalmente estabelecida, Briet foi o fundador Diretor de Estudos. Ela se tornou vice-presidente da Federação

Internacional de Documentação (FID) e adquiriu o apelido de "Madame Documentação"⁸.

Suzanne Briet, documentalista francesa e autora de vários artigos sobre documentação, foi uma das responsáveis por levar adiante as ideias lançadas por Otlet. A agenda principal para Briet era melhorar a documentação e resolver questões práticas (LUND, 2009).

Dando sequência aos conceitos de Otlet e, ao mesmo tempo, ambos foram muito conscientes da necessidade de teorizar o campo e formular os princípios para a prática documental. Para esse fim, ela publicou um pequeno livro em 1951, que foi uma espécie de manifesto - *"Qu'est-ce que la documentation?"* (O que é documentação?) - onde inclui a questão dos constitutivos de um documento e traz uma definição geral: "Um documento é uma prova de apoio a um fato". Este fato representa a confiança necessária na informação, que vem

⁸ What is documentation? English translation of the classic french text.

carregada de todas as bases de conhecimento materialmente fixas e capazes de serem usadas para consulta, estudo e prova, documento como todo indício, concreto ou simbólico, conservado ou registrado, com a finalidade de representar, reconstituir ou provar um fenómeno físico ou intelectual (BRIET, 2016).

Briet destaca na sua obra o conceito de documento primário e documento secundário, que resolve parte da questão digital, no momento que considera um documento primário um documento original, recolhido, e documento secundário o resultado do processamento técnico, o que chama de 'técnica documentária' que é um conjunto de técnicas de combinação original e múltiplas aplicações.

Segundo Ortega e Lara (2010) a expressão "produção documentária" criada por Briet indica a produção de documentos secundários pelas organizações de documentação, a partir dos documentos iniciais que seriam criados pelos

autores e apenas custodiados pelas organizações de documentação.

Os documentos secundários seriam originados a partir da produção documentária, isto é, a organização dos documentos nas instituições como as traduções, análises, boletins de documentação, arquivos, catálogos, bibliografias, dossiês, fotografias, microfilmes, seleções, sínteses documentárias, enciclopédias, guias de orientação, etc. Pelo vínculo à ação, pode-se qualificar os documentos primários como informação orgânica. E o segundo com "conteúdo". No digital isso se chama "mashup", que são "transformações" de conteúdos originais, mas que dão muitos problemas de direitos autorais.

Briet foi uma grande personalidade para consolidar o trabalho do profissional da informação, antes o documentalista, ela afirma que o trabalho deste é ordenar [classement] e a classificar [classification], que têm uma importância de primeira grandeza no trabalho dinâmico do

documentalista. Mas, Briet (2016) destaca que é sobretudo ao disseminar a informação "e no que se convencionou chamar de produção documentária que se encontra a verdadeira criação profissional". As ferramentas hoje estão disponíveis, este é um chamamento para o foco no usuário.

DOCUMENTO DE ACORDO COM FOUCAULT



A história e a historiografia sempre utilizaram as fontes documentais como indícios de sua teorização ou análises, por isso Foucault desenvolve uma "Teoria geral do documento", voltando o foco para o indício ou mensagem do documento, para o papel

mais ativo de documento como elemento da construção de uma totalidade histórica. Foucault demonstra como a teoria do documento pode ser usada não só nos estudos históricos, mas também como um instrumento de análise crítica em relação à sociedade moderna geral.

Esta é uma crítica fundamental da crença de que um documento contém uma mensagem em si, como se um livro fosse um documento só por ter sido criado. No entanto, neste entendimento, é só quando a coisa material particular, como um livro impresso, torna-se uma parte de uma totalidade construída (o mundo literário, por exemplo), que este se torna, de fato, um documento como analisa Lund (2009).

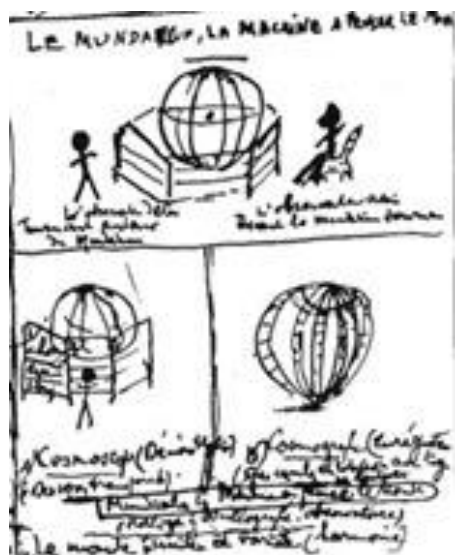
No livro *"Arqueologia do saber"* publicado em 1969, Foucault persegue as noções de documento e de monumento como materiais específicos da memória e da história afirmando que "a história é o que transforma os documentos em monumentos" (FOUCAULT, 2008). Le Goff (1996) destaca este

tema quando afirma que "[...] o documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias”.

Em relação a essa intencionalidade, Foucault traz o conceito de “enunciado” como sendo um manuscrito em uma folha de papel, ou publicado em um livro, ou que pode ser mesmo pronunciado oralmente, impresso em um cartaz, reproduzido por um gravador, mas que carrega intencionalidade.

Tais fundamentos foram utilizados para criar a “Análise de Discurso”, método amplamente utilizado nas Humanidades Digitais. Para o autor, o regime de materialidade a que obedecem necessariamente aos enunciados é resultado da ordem da instituição do que da localização espaço-temporal (FOUCAULT, 2008). Podemos verificar estes elementos dos enunciados na intencionalidade de uma linha de tempo, por exemplo.

DOCUMENTO CONFORME (UMA VISÃO DA) CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO



Na Ciência da Informação (CI) foi Buckland que, em vários artigos, nomeou "Informação como coisa" e questionou a tendência na CI para se concentrar

nas dimensões subjetivas das informações. Ele faz uma distinção entre a "informação como processo", a "informação como conhecimento" e a "informação como coisa".

Para Buckland, a "informação como coisa" não é "material", mas um "atributo do conhecimento do receptor", trazendo um aspecto de conhecimento humano. Ele relaciona a "informação como coisa" aos sistemas de informação formais, porque em última análise, os sistemas de informação - incluindo os sistemas corporativos e os sistemas de recuperação de informação/buscadores - podem lidar com informações somente neste sentido (sendo relacionado por um usuário).

Buckland lida com a condição final para informações, a sua "coisalidade" ou materialidade. Ele busca "esclarecer o seu significado", afirmar o papel fundamental da informação como coisa. A noção de documento é discutida como um possível conceito para a coisa informativa ser o objeto central para todo o campo. Isto implica que ele pode ser

usado várias vezes, como diz Buckland, um documento deve durar algum tempo, a fim de se tornar um sujeito para recuperação e um objeto de debate.

Quando se fala de mensagens, o autor diz que é uma questão de combinar a cultura em que o documento é produzido com a cultura em que se comunica o conteúdo, ou seja, depende muito da cultura da qual o documento faz parte. A mensagem no documento se refere, em parte, a uma história documental (por exemplo, a criação de um documento pelos autores) sendo a comunicação sobre documentos que os trazem para uma determinada cultura, por meio da mediação de "linguagem documentária" que são o resultado do trabalho de organização dos documentos. Portanto, o seu significado é construído por um espectador.

O documento também possui códigos culturais, porque todas as formas de expressão comunicativa dependem de entendimentos compartilhados, como uma linguagem em comum.

Além disso, em relação ao meio de expressão, existem diferentes tipos, tais como os textos, imagens, números, diagramas, arte, música, dança, entre outros. Por isso, é necessário considerar o suporte físico, que podem ser desde as tabuletas de argila, o papel, película, fita magnética analógica, cartões perfurados, mídia digital e outros objetos. Portanto, o que caracteriza um documento é "ser atribuído a "ser" um documento e, desse modo, possuir um código cultural comum, ter um tipo de expressão definido e possuir um suporte físico" (BUCKLAND, 2013). Para o autor o documento deve ser entendível por aqueles que o criam e utilizam para ser considerado, de fato, um documento.

DOCUMENTO PARA A ARQUIVÍSTICA



Há um forte debate na área de Arquivística sobre o seu objeto científico. O debate epistemológico desloca-se do “arquivo” e “documento” enquanto unidades rumo a “informação arquivística” ou “informação registrada

orgânica” (FONSECA, 2005). Estas expressões, cunhadas por arquivistas canadenses para designar a informação gerada pelos processos administrativos e por eles estruturada, deve permitir uma recuperação em que o contexto organizacional desses processos seja o ponto de partida.

Nesse sentido, a informação arquivística estaria dissociada do suporte. Segundo Ribeiro (1998), ratificando essa análise, o ato informacional (materializado na forma de um documento simples ou composto) deve ser analisado como uma unidade de informação, ou seja, considerado na sua materialidade (informação fixada num suporte), mas também “apreendido na sua essência, ou seja, desligado do suporte”, pois ainda assim, é passível de análise, de transferência para outro suporte e de representação formal (por indexação, por exemplo) (SANTOS, 2011).

O objetivo do novo paradigma da ciência de arquivo são as informações ligadas a processos, ou seja, as informações geradas por processos de

negócio e estruturadas por esses processos, a fim de permitir a recuperação do contexto desses processos como ponto de partida.

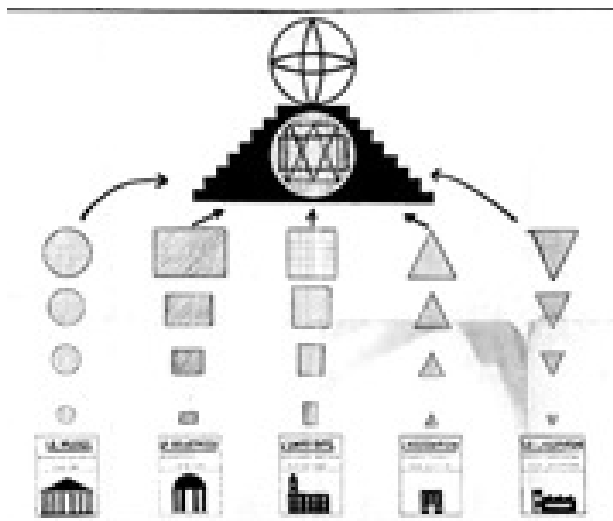
É um objeto duplo, porque se refere a informações de arquivo e seu contexto de geração, os registros de criação de processos. A entidade fundamental é dupla também: é o documento lógico indivíduo na sua relação com a transação de geração de negócios. Se olharmos para o objeto da ciência arquivística, notamos que este novo paradigma aparece principalmente em documentos em suas dimensões lógicas (conteúdo) e dinâmicas (forma).

Dentro do domínio da ciência arquivística, os métodos e técnicas do paradigma clássico ainda são válidas em seu campo tradicional de aplicação (COOK, 2012). Essa visão ampla permite o foco em documentos físicos e objetos estáticos. Independente da informação arquivística, o conceito de “documento arquivístico” pode ser determinado como “um conjunto de dados estruturados,

apresentados em uma forma fixa, representando um conteúdo estável, produzido ou recebido por pessoa física ou jurídica (pública ou privada), no exercício de uma atividade, observando os requisitos normativos da atividade à qual está relacionado, e preservado como evidência da realização dessa atividade (SANTOS, 2011). A visão completa de Vanderlei Batista dos Santos atualiza o objeto, destacando o conjunto de dados estruturados, o vínculo orgânico, o caráter de unicidade e o valor probatório caracterizam o Documento arquivístico.

A gente vê algumas dessas características em linhas de tempo de redes sociais.

DIPLOMÁTICA ARQUIVÍSTICA CONTEMPORÂNEA



O Projeto InterPARES (*International Research on Permanent Authentic Records in Electronic Systems*) ou acrônimo em inglês para “Pesquisa Internacional sobre Documentos Arquivísticos Autênticos Permanentes em Sistemas Eletrônicos”, é

coordenado pela Universidade de British Columbia, no Canadá, e tem desenvolvido conhecimento teórico-metodológico essencial para a preservação de longo prazo de documentos arquivísticos digitais autênticos.

O objetivo inicial foi identificar requisitos conceituais para avaliar e manter a autenticidade dos documentos digitais. Definir os requisitos de base e de referência para presunção da autenticidade dos documentos arquivísticos digitais. Em sua segunda fase, o projeto focalizou os documentos arquivísticos digitais gerados no contexto de atividades artísticas, científicas e governamentais, em sistemas interativos e dinâmicos.

A terceira fase, por meio de parcerias com instituições de doze países/regiões, dentre eles o Brasil, buscou aplicar o conhecimento teórico-metodológico desenvolvido nas duas fases anteriores para capacitar programas e organizações responsáveis pela produção e manutenção de documentos arquivísticos digitais no

desenvolvimento de estratégias de preservação e acesso de longo prazo (BRASIL, 2016).

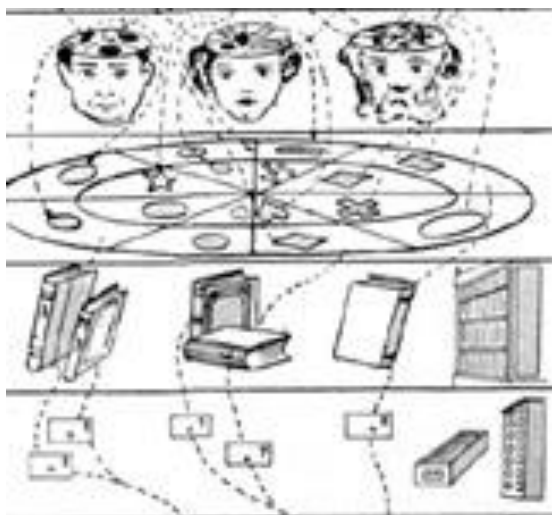
Na quarta fase, chamada de *InterPARES Trust*, que iniciou em 2013 e foi até 2019, onde investigou o desenvolvimento de redes integradas e consistentes, para o estabelecimento de políticas, regras, leis, procedimentos e padrões destinados aos documentos arquivísticos digitais armazenados na Internet.

Para o Projeto InterPARES, as características de um documento arquivístico digital deve ser garantir a manutenção da forma documental, ser forma fixa e possuir a mesma apresentação que tinha quando o documento foi armazenado, além disso, seu conteúdo deve ser estável, isto é, o documento tem que permanecer completo e inalterado.

Ainda são observadas a organicidade, que é o vínculo arquivístico com outros documentos, o contexto identificável (produtor, autor, destinatário, data) e se participa ou apoia alguma ação. Em relação às pessoas, dever ter no mínimo três

implicadas na criação: autor, redator e destinatário (CONARQ, 2011). Ou seja, a abordagem é quanto à estrutura e classificação destes registros fixados, chamados de tipologias de documentos arquivísticos.

NEODOCUMENTO NA ERA DA WEB



O Projeto RTP-DOC (*Réseau thématique pluridisciplinary: documents et contenu: création, indexation, navigation*) investiga os elementos elaborados por Briet, Otlet e outros autores, e são tratados em uma plataforma de produção coletiva

de texto, a quem se convencionou chamar neodocumentalistas.

Os objetivos são analisar os documentos, para questionar sobre as ferramentas para construir, cruzando diferentes disciplinas envolvidas no projeto (como a Ciência da Computação, a Linguística, a Ciência Cognitiva, a Ciência da Informação e outras) e discutir o conceito de documento, renovado pelo desenvolvimento digital, para construir um programa que reúne laboratórios científicos a nível nacional e internacional.

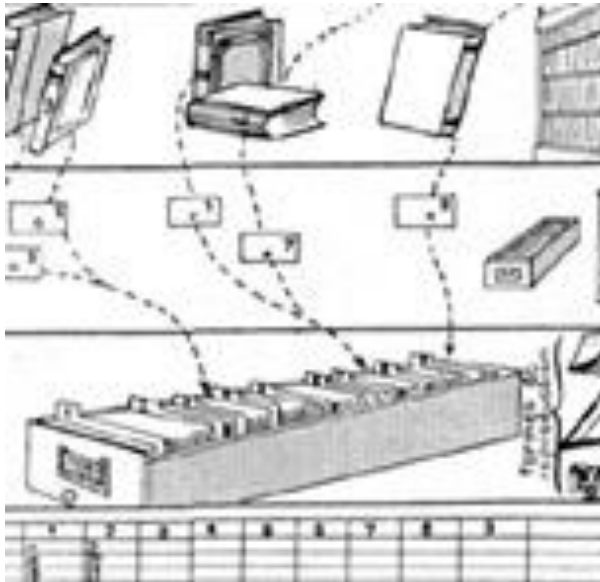
Segundo esta abordagem, o conceito de documento é definido a partir de três perspectivas:

1) o documento como "forma", ou seja, a presença física do documento;

2) o documento como "texto", isto é, seus significados e sentidos e sua intencionalidade; e

3) o documento como um "objeto social", uma vez refletindo suas posições em um contexto social.

DOCUMENTO COMO OBJETO DE FRONTEIRA



Objetos de fronteira são artefatos de comunicação dentro e entre "mundos sociais" (comunidades, grupos diversos, etc.), e têm significado diferente dependendo das comunidades, mas têm uma estrutura comum o

suficiente para comunicar e traduzir entre um grupo de pessoas. Ao mesmo tempo, esses objetos são "fortemente estruturados" em uso individual para acomodar diferentes necessidades de comunicação dentro de um grupo e entre os grupos (OLSEN *et al.*, 2012). No digital e nas mídias sociais isso fica claro pelos dados gerados em comum, muitas vezes identificados por um rótulo temático, são os assuntos em comum.

Walenstein propõe a construção de tais objetos para mediar atividades acadêmicas e científicas. A padronização, que é importante para objetos de fronteira é claramente relevante para a análise de documentos. Os objetos de fronteira são a chave para a colaboração entre as comunidades de prática, dos quais parece haver uma concepção comum (OLSEN *et al.*, 2012).

DOCUMENTO PARA AÇÃO



Em relação ao uso de novas tecnologias, criou-se o conceito "Documento para Ação" (sigla em inglês *DofA* - *Document for Action*), que é a publicação de documentos para uma equipe ou grupo de pessoas, colocando-os em um sistema de

gerenciamento de dados que formam bibliotecas digitais para o uso desses documentos colaborativos em ferramentas, como uma Wiki ou um Blog. Para levar em conta a diversidade dessas práticas e a natureza coletiva e evolutiva dos documentos - ou conjuntos de documentos - produzidos durante o processo de escrita colaborativa, se definiu o conceito de “documento para a ação” (ZACKLAD, 2006).

Para Zacklad (2006) estes documentos têm suas propriedades, como por exemplo, seu estado prolongado de incompletude, sua durabilidade, sua fragmentação, os diversos autores, a natureza evolutiva do seu conteúdo, etc., que desafiam as consagradas teorias de documentos de várias maneiras. Em especial, na medida em que a gestão do ciclo de vida destes documentos é questionada, pois eles são por vezes publicados antes de terem sido concluídos e são constantemente atualizados. O autor também descreve que “documento” é um produto semiótico, transcrito ou registrado em uma

estrutura perene, que o carrega com atributos específicos para facilitar as práticas associadas com a sua utilização em uma estrutura, que permite as transações de comunicação e distribuição do mesmo, através do espaço e tempo, nas comunidades de interpretação.

Cabe criticar a estrutura perene, visto que, de fato, as estruturas das informações digitais, como são as Wikis e os blogs, não sobrevivem ao tempo sem a intervenção de técnicas de preservação e conservação. Porém, Zacklad (2006) está falando da estrutura do produto semiótico, que incorpora práticas do grupo que utiliza o documento para ação. Por sua vez, cabe destacar a ligação entre “objeto de fronteira” e “Documento para a Ação” - o primeiro facilita a comunicação entre pessoas e grupos; já o segundo é resultado da interação entre as pessoas e determinado conhecimento daquele grupo.

REGISTROS DA LINHA DO TEMPO SÃO DOCUMENTOS



Conforme expõe Cruz (2010), a Análise de Redes Sociais (ARS) é uma metodologia originada da Antropologia Cultural e da Sociologia, e possui aplicações em diversas disciplinas, que tem como

foco de análise as relações e interações entre os indivíduos, de modo a tentar entender estrutura relacional da sociedade.

A ARS não é foco deste livro, visto que é aplicada nas análises das relações. Aqui abordamos o resultado dessas relações nas redes e mídias sociais, o que fica registrado na forma de textos, marcos e ações destacadas, imagens pessoais e crítica do tempo (um certo *zeitgeist*), sons, vídeos, etc., nas *timelines* dos indivíduos.

Cabe dizer que as interações realizadas por usuários nas redes geram um tipo de registro, que pode ser mensurável como um registro orgânico, pois são resultado de uma ação num ambiente digital e ficam armazenados em formato de metadados.

Esse registro possui materialidade, pois é consolidado por uma sequência de bits (sinal positivo ou negativo) e interpretados por computador. Para isso, traz a característica eletrônico, precisando de uma máquina para acessá-

los. Este registro materializado digitalmente carrega uma intencionalidade e faz parte de uma comunidade com linguagem comum, conhecidos como internautas.

A seguir, está registrado um processo de estruturação entre os conceitos levantados sobre documento e a tentativa de enquadramento dos registros em linha de tempo em redes sociais.

Vamos observar os conceitos principais levantados junto à revisão de literatura, na coluna à direita e, por meio de processo empírico, é realizado o comparativo com a realidade dos registros na rede Facebook, por ser uma plataforma com várias funcionalidades além da linha de tempo.

Na análise priorizamos esta rede por sua estrutura incorporar todas as funções realizadas em outras redes sociais, como fotos (Instagram), escrita conversacional (Whatsapp), vídeos (Youtube), streaming (Youtube), lives (Instagram), microblogging (Twitter), entre outros.

Quadro - Conceitos de documento e aplicação à realidade dos registros no Facebook.

AUTORES	CONCEITO DE DOCUMENTO	APLICAÇÃO NO FACEBOOK
BRIET	Um documento é uma prova de apoio a um fato.	No Facebook as pessoas postam fatos, sentimentos, pensamentos e opiniões sobre situações pessoais e coletivas.
FOUCAULT	Um documento é um registro carrega intencionalidade.	No Facebook as informações são imputadas por meio de ação intencional.
BUCKLAND	Um documento é discutido como um possível conceito para a "coisa informativa". Possui aspecto fenomenológico, pois enquanto documentos são objetos percebidos como significando alguma coisa, o status de ser um documento não é inerente (essencial), mas sim atribuído a um objeto.	Retoma a questão da intencionalidade, abordando o registro como um objeto.
SANTOS	Um documento arquivístico é um conjunto de dados estruturados, apresentados em uma forma fixa, representando um conteúdo estável, produzido ou recebido por pessoa física ou jurídica (pública ou privada), no exercício de uma atividade, observando os requisitos normativos da atividade à qual está relacionado, e preservado como evidência da realização dessa atividade.	No Facebook os registros possuem muito destas características típicas do documento arquivístico digital (forma fixa, dados estruturados), porém a preservação não está clara. Há um forte vínculo orgânico, podendo ser caracterizado como registros orgânicos os registrados na plataforma.

InterPARES	Um documento arquivístico é definido como sendo qualquer documento produzido (isto é, elaborado ou recebido, e salvo para referência ou ações posteriores) por pessoa física ou jurídica no curso de uma atividade prática como instrumento e subproduto dessa atividade.	A característica de subproduto tira do documento a sua intencionalidade, pois o documento é gerado como resultado e não como meio. No Facebook, o registro também é um subproduto da interação.
RTP-DOC	Documento como forma, ou seja, a presença física do documento; o documento como texto, seus significados e sentidos e sua intencionalidade; e o documento como um objeto social, refletindo suas posições em um contexto social.	A Linha de Tempo individual está carregada destes símbolos e dos mais variados significados, também refletindo a reputação digital (que é a posição que o indivíduo tem em suas relações digitais nas comunidades).
OLSEN et al.	Documento como Objeto de Fronteira, pois são artefatos de comunicação dentro e entre "mundos sociais" (comunidades, grupos diversos), e tem significado diferente dependendo das comunidades, mas têm uma estrutura comum o suficiente para comunicar e traduzir entre grupos de pessoas.	Os registros do Facebook podem também ser considerados Objetos de Fronteira, principalmente na participação de grupos e eventos onde registros são cambiáveis.
ZACKLAD	Um documento é um produto semiótico transcrito ou registrado em uma estrutura perene, que o carrega com atributos específicos para facilitar as práticas associadas com a sua utilização em uma estrutura que permite as transações de comunicação e distribuição do mesmo, através do espaço e tempo, nas comunidades de interpretação.	As formas de registros na Linha de Tempo também carregam símbolos (alguns próprios como os "memes"). Porém, a perenidade dos registros dependerá do futuro da empresa Facebook.

Fonte: Elaborado pelo autor.

É possível observar que o enquadramento dos registros realizados na rede social Facebook

possuem base conceitual na área de documentação. Pode-se observar que, independente do conceito aplicado, esse tipo de rastro digital pode ser enquadrado e aplicado em diversas definições, como também pode ser enquadrado em vários conceitos ao mesmo tempo.

MÍDIAS SOCIAIS GERAM DOCUMENTOS PARA O FUTURO



As mídias sociais, que são ambientes digitais
que suportam as relações estabelecidas em

interfaces de redes, representam grande parcela do comportamento primitivo digital humano. Este poder pode ser usado para objetivos desonestos, como a manipulação de dados pela Cambridge Analytica em relação a eleição de Trump em 2016 e ao Brexit, onde gatilhos comportamentais eram mapeados e havia um bombardeio de conteúdos para modificar o comportamento. Porém as redes sociais podem representar o conhecimento, mostrar a migração da humanidade da comunicação oral ou escrita para a escrita conversacional, por exemplo.

Tanto é fato, que cabe destacar o papel da *Library of Congress* - LOC (2013) no registro do conteúdo (*tweets*) da rede social Twitter diariamente. Conforme o site da LOC, em 2010 a biblioteca e o Twitter assinaram um acordo que prevê o “armazenamento” dos *tweets* públicos, desde a criação da empresa até a data do acordo, ou seja, um arquivo de *tweets* que abarca de 2006 a abril de 2010. Além disso, a LOC e o Twitter concordaram que a empresa que forneceria todos

os *tweets* públicos de forma contínua nos mesmos termos.

Dessa maneira, a LOC (2013), que preserva os *tweets* públicos, sugere em seu site, que tipo de informação os pesquisadores podem acessar a partir do arquivo Twitter. Alguns exemplos dos tipos de solicitações que a biblioteca recebeu indicam como os pesquisadores podem usar o arquivo para informar as pesquisas de futuro.

Pode ser usado para compreender o papel dos cidadãos em eventos perturbadores, sendo possível analisar a reação dos membros das mídias, em tempo real, de ataques terroristas. Pode-se analisar a atualidade e precisão de *tweets* durante os eventos especificados.

Outro exemplo é analisar a linguagem usada para espalhar a informação sobre atividades e solicitações de instituições de caridade, por meio de mídia social, durante e imediatamente após desastres naturais. Até mesmo como as redes sociais são usadas como prova de crimes e traições o que

tem impacto na área de direito (quando o documento é prova, deve-se considerar a abordagem da diplomática para garantia de autenticidade e fidedignidade).

ANÁLISES DE LINHAS PASSADAS



Precisamos ter a capacidade de análise do comportamento social e político. Quando se aborda o papel das redes sociais em atos políticos, com sua capacidade de mobilização, por exemplo, considera-se as facilidades de acesso à informação.

Porém deve-se questionar, da mesma forma, o papel de ativismo e controle horizontalizado de eventos. Geralmente os dois veículos mas analisados são o Twitter e o Facebook e são aplicados, sobretudo, para a marcação de encontros pelos ativistas e para a disseminação de informações sobre o protesto. O Facebook, por exemplo, era muitas vezes utilizado para debates, divulgação de locais e hora dos protestos, fotos e vídeos. O YouTube servia como ferramenta de armazenamento de vídeos, registrando a participação popular.

Para Tavares (2012) as novas tecnologias e as mídias sociais, promovidos pelo baixo custo da internet móvel usada em smartphones, transformou o mundo de conectados para hiperconectados, estimulada pela capacidade de auto-comunicação de massas. Se de um lado mídias sociais podem estabelecer fontes de registro da memória coletiva, de outro lado tais rastros digitais são estruturados em informática fractal, ou seja, o conjunto de dados também pode ser filtrado e apresentar dados

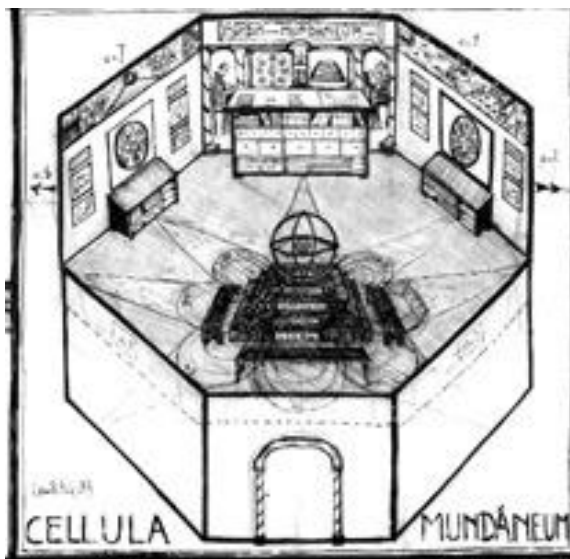
individualizados, mesmo com leis de proteção de dados como a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais - LGPD no Brasil.

Isso pode atingir a privacidade e o direito à autoimagem, porém, ao aceitar as condições de utilização das ferramentas de mídias sociais, aceitamos compartilhar informações com as empresas que gerem essas redes. E há a possibilidade de filtrar as informações que você quer tornar pública nas redes sociais, sendo praticamente compulsório compartilhar informações e registros de ações com as empresas proprietárias, não restando privacidade nesta relação. Portanto, o documento no Facebook é a memória de uma pessoa, de grupos delas (grupos temáticos), de empresas e instituições (páginas) e é candidato a ter sua captura como um documento arquivístico.

No futuro vão contar nossa história usando nossos indícios de hoje. Para Febvre (1989), os fatos históricos, mesmo os mais humildes, é o historiador que os chama à vida. Sabemos que os fatos, para os

determinar, é preciso recorrer aos testemunhos mais diversos, e por vezes mais contraditórios – entre os quais, necessariamente, são escolhidos. Essa coleção de fatos que apresentam tantas vezes como fatos brutos que comporiam automaticamente uma história transcrita no próprio momento em que os acontecimentos se produzem, tem ela própria uma história (FEBVRE, 1989).

LINHA DO TEMPO É DOCUMENTO DE UM TEMPO



Ao registrar nossas ações em uma linha de tempo está sendo criado um conjunto de informações sobre essas ações que engloba metadados, como local (georreferenciamento),

número IP, horário de produção. Este registro orgânico retrata uma interação entre a pessoa e a mídia social, em algum lugar e em determinada situação. Estes são os preciosos dados que a indústria do marketing paga caro para as empresas que fornecem as estruturas das mídias sociais.

O conceito de documento arquivístico destaca o papel orgânico da informação registrada, então tudo que envolve a relação indivíduo e ambiente da mídia social tem potencial de gerar um documento arquivístico. Pode-se comparar o serviço de mídia como um serviço de informação, além de ter a custódia de nossas informações, esta possui a guarda e promove a difusão, por meio de seus algoritmos de exibição em forma de *timeline*.

As redes sociais na web se tornaram muito populares nos últimos anos e, para muitos usuários os serviços de redes sociais estão entre as formas mais importantes de comunicação. Conforme Sinn e Syn (2014), um aspecto interessante é que o Facebook oferece vários locais para a comunicação,

por exemplo, atualizações de *status*, comentários e perfis, tornando possível o compartilhamento de pensamentos e sentimentos sobre os acontecimentos, eventos, lugares, tempos, amigos, família e outros momentos de suas vidas.

Em relação à comunicação, o Facebook permite aos usuários interagir por meio de vários formatos, ou seja, não apenas texto, mas também por imagens, links, músicas, clipes de vídeo, etc., e, segundo os autores, este serviço oferece um método para comunicar entre os participantes das redes através de conteúdo de formato diverso.

Como as características gerais de um aplicativo de mídia social são muitas vezes identificadas como ferramentas de interatividade e entretenimento, o Facebook também incentiva os usuários a criarem seu próprio conteúdo e se envolver com o conteúdo postado por outros.

Os atributos do Facebook permitem que o serviço forneça um modelo de representação, através do qual qualquer usuário individual possa

criar o seu próprio espaço, como sua própria casa, onde os amigos podem ir visitar (SINN; SYN, 2014).

A comunicação é fácil, com processos rápidos e simples, pelos quais os usuários do Facebook atualizam suas mensagens e comentam as atualizações nos *posts* dos “seus amigos”. Conforme os autores, uma navegação cronológica inversa nos *feeds* de notícias possibilita aos usuários acompanharem as histórias registradas em *posts* e as reações de seus amigos.

Com base nas motivações sociais dos usuários e as capacidades tecnológicas do site, o Facebook serve como um repositório para momentos de vidas das pessoas, sejam eles triviais ou importantes. O serviço pode oferecer um registro da vida diária dos indivíduos ou, pelo menos, uma visão da vida que os usuários desejam retratar (SINN; SYN, 2014).

Para Sinn e Syn (2014), poucos estudos têm centrado sobre a função do Facebook como um espaço para apresentar e documentar informações pessoais. O tema do arquivo digital pessoal é mais

debatido amplamente, tanto do ponto de vista específico de comportamentos de arquivamento pessoal, quanto a partir da perspectiva de gerenciamento de informações pessoais.

A importância e o potencial dos dados do Facebook como evidência de como as pessoas contemporâneas vivem ainda não foi abordada em detalhes no campo da Ciência da Informação. O Facebook foi criado para um fim social, e não para ser uma ferramenta de documentação pessoal, arquivamento ou preservação em longo prazo de informações pessoais.

Porém esta rede social permite aos seus usuários a oportunidade de documentar o cotidiano de suas vidas em suas Linhas de Tempo e muitos aproveitam esta oportunidade, porém não se sabe como isso poderá ser preservado para o futuro.

NUNCA ACABA



Deu para ver, a *timeline* do Facebook possui um modelo de publicações de narrativas pessoais e, portanto, seu modelo avaliado pode se estender a outras mídias sociais. Na concepção de diversos autores de diferentes áreas do conhecimento, tais como Arquivística, História, Filosofia,

Biblioteconomia e Ciência da Informação, verificou-se que as facetas da rede Facebook se enquadram em diferentes definições. Por isso, pode-se, de fato, existir algum tipo de “documento” gerado a partir das redes sociais? Independente da necessidade desta discussão, parte dessa consideração nos leva a reforçar a necessidade em deliberar o destino destes registros.

Do ponto de vista arquivístico, este gênero rede social já existe, pois já está inserido nas atividades dos arquivistas o registro sistemático do comportamento institucional em mídias específicas, seja gerando um relatório em XML, uma versão em PDF ou “congelando” os registros em *print screens* sequenciais.

Todavia, não há uma mobilização em relação aos registros centralizados nos servidores das empresas que fornecem essas ferramentas de mídias sociais e, por se tratar de empresas, não tem um objetivo social definido em deixar o legado

humano registrado em *timelines* individuais disponíveis para o futuro.

Sabemos que existem diferentes conceitos de documento para colaborar na avaliação sobre seu gênero, e cabe a preservação de linhas de tempo de redes pessoais, disponibilizadas em mídias sociais. Ao relacionar o resultado deste levantamento com as características da rede social Facebook, foi tentativa de tratá-lo como documento de memória pessoal. A revisão de literatura a respeito de documentação foi para traçar conceitos atuais de documento e verificar sua aplicação para ambientes como os de redes sociais.

O registro na linha de tempo deve ser tratado como fonte de informação e como expressão documental. Pois as *timelines* (linhas de tempo que registram cronologicamente o comportamento e a interação individuais ou institucionais) podem ser um tipo de documento gerado em rede social e, com isso, contribui intimamente para os fatos e a memória dos tempos atuais e, portanto, deve ser

foco de atenção dos profissionais e cientistas da informação.

Na relação entre os registros do Facebook e os conceitos documentais, foi apurado que as *timelines* poderia ser considerada um transdocumento, pois carrega características combinadas de diversas interpretações estudadas.

Um transdocumento é cada elemento de um documento, como texto, números, imagens, vídeo, etc. que pode invocar uma ou mais formas de Informação Expandida, como – uma Visualização, um Relatório, um documento, um site da Web, etc. (Bunch, 2016). Ao expandir informação, retomamos aos conceitos de Otlet e Bush, representados pela Mondoteca e pela Memex. Nossa linha de tempo da visão do mundo informacional volta a 1918, agora com a roupagem digital.

Nossas linhas de tempo podem servir como fonte de nossa expressão individual, algo que traz consigo as características de um tipo de documento gerado a partir da rede social.

A ideia final é de que se merece a atenção de diferentes profissionais e cientistas da informação em relação à perenidade de nossos registros primitivos digitais, tanto em relação aos apontamentos de ações de entidades, pessoas e famílias, como para o grande registro pertencente às empresas que operam as mídias sociais, um verdadeiro tesouro da humanidade digital.

POSFÁCIO: UMA GALERIA SOBRE O DOCUMENTO



Este livro foi pensado para ser uma leitura fácil, atual e informada sobre a saga do documento na linha do tempo da humanidade e das coisas planetárias. Sim, isso mesmo, eu disse “coisas”, pois o documento, em essência, também interage e se transforma junto com os objetos. Charley Luz nos oportuniza refletir sobre a transformação do documento nos intervalos cronológicos sem perder

de vista a carga social. Como professora e pesquisadora de temas ligados à tecnologia da informação e sociedade, fui fisgada pela atualização e coerência do seu debate.

Escrever o posfácio de uma obra como esta é para mim um orgulho, mas também a oportunidade de expressar a minha percepção e sentimento face à conjuntura que vivemos. Importante ressaltar que este livro chega às nossas mãos em um momento de ataque às memórias coletivas. No Brasil, Arquivistas, Bibliotecários, Documentaristas, Fotógrafos e Cineastas têm se comovido bastante com o descaso dos lugares de memória físicos ou digitais. Como um exemplo infeliz, escrevo estas linhas, exatamente, na semana de dois fatos lastimáveis do patrimônio histórico da ciência e cultura brasileiras. Repare:

O primeiro foi a interrupção da linha do tempo que compreende o registro de milhares de dados acadêmicos armazenados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Situação esta causada por aquilo que parece ter sido

mais conveniente apontar como um problema de tecnologia da informação, mais especificamente por motivo da queima de um servidor. O que nos leva, ingenuamente, a questionar: - por que uma linha do tempo tão importante para a soberania nacional não havia considerado critérios de preservação e aspectos da diplomática contemporânea? Esse que está sendo chamado de 'Apagão da Ciência' culminou na interrupção da linha do CNPq, da Plataforma Carlos Chagas e, conseqüentemente, dos pesquisadores; sendo esta, talvez, a síntese dos constantes golpes de destruição que a ciência no Brasil tem sofrido nos últimos três anos.

O segundo, trata-se de uma tragédia anunciada. O incêndio da Cinemateca Brasileira na noite de 29 de julho 2021 poderia ter sido evitado se o Governo Federal tivesse considerado os alertas feitos pelo Ministério Público. O que mais uma vez, ingenuamente, nos leva a outra pergunta: - por que a linha do tempo da produção audiovisual brasileira parece ter sido ignorada? Imagens que falam mais

que mil palavras, ali armazenadas, contavam a história de um país, por meio do olhar artístico e documental desde 1940.

Tanto o primeiro evento, quanto o segundo, demonstra que a Linha do Tempo é, também, documento de um tempo, como bem ilustra Charley Luz. Em passagem importante o autor aponta que “de fato, as estruturas das informações digitais, como são as Wikis e os blogs, não sobrevivem ao tempo sem a intervenção de técnicas de preservação e conservação”, assim como as instituições responsáveis pela memória e identidade de uma sociedade.

Como é possível perceber o descaso aos lugares de memória tem ocorrido em meio físico e digital. Ter acesso ao documento é potencializar o direto à memória e oportunizar a tomada de novos caminhos. É a chance de não repetir erros ou, pelo menos, de fazê-los diferentes.

Hoje estamos na era do NeoDocumento, mas não podemos deixar de considerar que os nossos

feitos e ações, neste momento, sejam na web, nos contextos oficiais ou nas mídias sociais, também fazem parte da Linha de Tempo do nosso tempo. E esse documento como objeto de fronteira sente o peso das forças tecnológicas que estão mudando o mundo. E como apontou Kevin Kelly, o co-fundador da aclamada revista Wired, que o inevitável está à nossa porta e as mudanças que estão ocorrendo, principalmente impulsionadas pelo avanço e capacidade computacional, acontecem para os humanos e não-humanos. O documento neste processo, mais uma vez, se transforma independente do país, da profissão, das crenças, do mercado, das convicções e das prováveis incertezas.

As várias definições de documento recuperadas de forma objetiva por Charlley, não nos deixa esquecer sua essência como prova (Briet), como registro de intencionalidade (Foucault), como coisa informativa em si (Buckland), produzido por pessoa física ou jurídica (Santos), como objeto de fronteira no mundo social (Olsen). Contudo, é

compreendendo o documento enquanto produto semiótico (Zacklad) que este livro encontra o seu salto qualitativo, a partir da caracterização das novas formas de registro, a exemplo das variadas possibilidades nas mídias sociais, que se configura per se a linha do tempo contemporânea.

Assim, é o retrato do documento transmutado que Charley Luz nos apresenta através de uma investigação ampla e contundente. As formulações são densas, embora diretas e abreviadas, dando uma sensação de que se trata de obra que merece estar sempre por perto para consulta. O resultado é uma galeria de momentos variados do documento no tempo que tem metamorfoseado as regras e a face das sociedades, como também da mesma forma a si mesmo.

Barbara Coelho Neves

Pesquisadora de Tecnologia e Sociedade, professora da UFBA e do PPGCI-UFSCar, Líder do LTI Digital, embaixadora de Inovação Cívica da Open Knowledge e manager of the Education Committee da I2AI.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Justiça. **Arquivo Nacional**, 2016, site. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/>. Acesso em: 12 jul. 2016.

BRIET, S. **O que é a documentação?** Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2016.

BUCKLAND, M. Document Theory: An Introduction. In: WILLER, M.; GILLILAND, A. J.; TOMIÉ, M. **Records, Archives and Memory**: Selected Papers from the Conference and School on Records, Archives and Memory Studies, University of Zadar, Croatia, maio 2013. Zadar: University of Zadar, 2015. Disponível em: <http://people.ischool.berkeley.edu/%7Ebuckland/zadar/doctheory.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2017.

BUNCH, J. C. **TransDocument Views and Environment**. U.S. Patent Application n. 14/720,790, 12 maio 2016.

BURDICK, A. *et al.* **Digital_humanities**. Cambridge, Massachusetts; London: The MIT Press, 2012. Disponível em: https://mitpress.mit.edu/sites/default/files/titles/content/9780262018470_Open_Access_Edition.pdf. Acesso em: ago. 2018.

CHRISTENSEN, A. The Incan Quipus. **Synthese**, v. 133, n. 1, p. 159-172, out. 2002. Disponível em: <http://link.springer.com/article/10.1023/A:1020835926872>. Acesso em: 15 maio 2018.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (CONARQ).
Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos (CTDE). **e-ARQ Brasil**: modelo de requisitos para sistemas informatizados de gestão arquivística de documentos. Rio de Janeiro: CONARQ-CTDE, 2011. Disponível em: http://www.conarq.gov.br/images/publicacoes_textos/e_arqbrasil_model_requisitos_2009.pdf. Acesso em: 12 jul. 2018.

COOK, T. A ciência arquivística e o pós-modernismo: novas formulações para conceitos antigos. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 3-27, jul./dez. 2012. Disponível em: www.revistas.usp.br/incid/article/download/48651/52722. Acesso em: 15 jul. 2018.

CRUZ, R. C. Redes sociais virtuais: premissas teóricas ao estudo em ciência da informação. **Transinformação**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 255-272, dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862010000300006&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 abr. 2016.

FEBVRE, L. **Combates pela história**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

FONSECA, M. O. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GALVEZ, S. Text-based writing in ESP class: pedagogy and practices in ESL learning. **SSRN**, 25 set. 2019. Disponível em:

https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3455084. Acesso em: 12 jan. 2020.

ILARI, R. et al. **Semântica**. S. Paulo: Ática, 1992.

JURCZYK, T.; CHOI, J. D. Cross-genre document retrieval: matching between conversational and formal writings. **ArXiv preprint**, jul. 2017. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/1707.04538>. Acesso em: 12 jul. 2018.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

LUND, N. W. Document theory. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 43, n. 1, p. 399-432, 2009. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/aris.2009.1440430116/abstract>. Acesso em: 15 maio 2017.

LUZ, C. S. **Primitivos digitais: uma abordagem arquivística**. Salvador: 9Bravos, 2015.

OLSEN, B. I.; LUND, N. W.; ELLINGSEN, G.; HARTVIGSEN, G. Document theory for the design of socio-technical systems: A document model as ontology of human expression. **Journal of Documentation**, v. 68, n. 1, p. 100-126, 2012. Disponível em: <http://www.emeraldinsight.com/doi/pdfplus/10.1108/00220411211200347>. Acesso em: 18 jul. 2018.

ORTEGA, C. D.; LARA, M. L. G. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. **Datagramazero - Revista de Ciência da Informação**, v. 11, n. 2, abr. 2010. Disponível em:

<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/12626>. Acesso em: 15 maio 2017.

RIBEIRO, C. F. A. **Acesso à informação nos arquivos.**

Parte II: os instrumentos de acesso à informação. 1998. Dissertação (doutorado em Arquivística) - Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Porto, 1998. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/7058>. Acesso em: 18 jul. 2018.

SANTOS, V. B. **A teoria arquivística a partir de 1898:** em busca da consolidação, da reafirmação e da atualização de seus fundamentos. 2011. Doutorado (Gestão da Informação e do Conhecimento) - Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Brasília, 2011. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10323/3/2011_VanderleiBatistaSantos.pdf. Acesso em: 16 jul. 2017.

SINN, D.; SYN, S.Y. Personal documentation on a social network site: Facebook, a collection of moments from your life? **Archival Science**, v. 14, n. 2, p. 95-124, jun. 2014. Disponível em: <http://link.springer.com/article/10.1007/s10502-013-9208-7>. Acesso em: 18 jun. 2018.

TAVARES, V. B. A. O Papel das Redes Sociais na Primavera Árabe de 2011: implicações para a ordem internacional. **Mundorama**, Revista de Divulgação científica em Relações Internacionais, dez. 2012. Disponível em: <http://www.mundorama.net/2012/11/06/opapeldasredessociaisnaprimaveraarabede2011implicacoesparaaorde>

minternacionalporviviabrunellyaraujotavares/. Acesso em: maio 2018.

THE LIBRARY OF CONGRESS. **Update on the Twitter Archive At the Library of Congress**, Jan. 2013. Disponível em:

http://www.loc.gov/today/pr/2013/files/twitter_report_2013jan.pdf. Acesso em: abr. 2018.

ZACKLAD, M. Documentarisation processes in documents for action (DofA): the status of annotations and associated cooperation Technologies. **Computer Supported Cooperative Work (CSCW)**, v. 15, n. 2, pp. 205-228, jun. 2006. Disponível em: <http://link.springer.com/article/10.1007/s10606-006-9019-y>. Acesso em: 18 abr. 2018.

Outros livros de Charley S. Luz publicados:

Arquivologia 2.0

Obra de 2010, que trata das alterações nos registros humanos, do tradicional para o digital e como os profissionais da informação e arquivistas devem entrar no desafio digital.



Primitivos Digitais

Ensaio de 2015 com uma coletânea de reflexões do melhor tipo pós-custodial, que leva em consideração princípios e teorias da arquivística enquanto ensaia sobre assuntos bastante atuais do mundo da informação, principalmente em meio digital.



Primitivos Digitales: una visiona para las humanidades digitales

Adaptação de 2017, em espanhol, do livro Primitivos Digitais, trazendo a participação de profissionais de outros países latino-americanos.



Ontologia Digital Arquivística

A representação do contexto de arquivo nos sistemas informatizados e na Web trata da classificação, taxonomia e metadados que estruturam a informação digital no mundo da Arquitetura da Informação e da Inteligência Artificial.



Arquivoeconomia Digital

Arquivoeconomia é uma ciência esquecida, registrada num livro de 1928 escrito por Eugênio casanova. Nele se apresenta um método para a Construção de Arquivos, uma visão global, que considera as técnicas mais adequadas para criar ambientes ideais para garantia da custódia, para confiança no serviço de

Adquira em:



arquivos e também para facilitar o processo de manutenção do acervo. Agora isso tudo à serviço do digital.

Arquitetura da Informação: do conteúdo à experiência

Este livro traz uma visão prática da aplicação das principais ferramentas de Arquitetura da Informação (AI). Traz os principais tópicos que devem ser considerados num planejamento digital. Por isso são princípios que indicam caminhos do planejamento. Então surge como alternativa não só para quem quer aprender os fundamentos de AI, mas também para quem quer melhorar a encontrabilidade de conteúdo e, por consequência, a experiência do usuário.



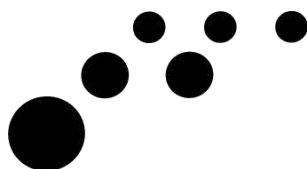
Todas as imagens desta publicação foram pesquisadas no acervo de Paul Otlet.
Disponível em: <http://www.mundaneum.be/>.

O autor:

Charlley S. Luz



É empreendedor, consultor, professor e palestrante. Especialista em Sistemas e Serviços de Informação (FESPSP), desenvolve projetos em gestão informacional, conteúdo digital, arquitetura da informação e taxonomia.



FEEDCONSULTORIA

www.feedconsultoria.com.br